

Apostasias do paraíso em Caim, de Saramago¹ *Apostasies of Paradise in Caim, by Saramago*

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira²

Resumo: Em seu livro *Caim* (2009), Saramago revisita os temas religiosos em seus romances, como aconteceu com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, em 1991. A narrativa dá vida à história de Caim e sua trajetória na luta contra um Deus tirano e implacável, através de episódios diversos do Antigo Testamento, ligeiramente ficcionados, onde o protagonista viaja através do tempo, presenciando as diversas passagens bíblicas que fazem parte do imaginário mítico cristão. Deste modo, procuramos analisar e comparar a narrativa de Caim, a partir do livro de Gênesis, e seu inverso no livro do escritor português, imagem carnavalizada, irreverente e mordaz. Após a análise do livro, percebemos que Saramago, sem o halo da crença religiosa cega, reconstrói, através de uma linguagem crítica cheia de ironia e de humor e de um estilo cronístico próprio, a imagem de Deus, o paraíso genesíaco da criação e as narrativas de Adão e Eva e seu filho primogênito, Caim, personagem central da narrativa, que ganha nova vida ao ter sua história recontada, tornando-se uma figura presente e redimida.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. José Saramago. Caim. Bíblia. Mitos bíblicos.

Abstract: In his book *Cain* (2009), Saramago revisits the religious themes in his novels, as in *The Gospel according to Jesus Christ*, in 1991. The narrative brings to life the story of Cain and his journey in the fight against a ruthless tyrant God, through several episodes of the Old Testament, slightly fictionalized, where the protagonist travels through time witnessing various passages of the Christian mythical imaginary. Thus we analyzed and compared the Biblical vision of Cain, from the narrative of Genesis, and its inverse in the book by Portuguese writer, image carnivalized, irreverent and witty. After analyzing the book, we realized that Saramago, without the halo of blind religious belief, reconstructs, through a critical narrative full of irony and humor and a peculiar chronicler style, the image of God, the Paradise and the stories of Adam and Eve and their eldest son, Cain, the main character in the novel, who gains new life by having his story retold, becoming a redeemed character.

Keywords: Portuguese Literature. José Saramago. Cain. Bible. Biblical myths.

INTRODUÇÃO

É o que geralmente se diz, e, porque se diz geralmente aceitamos a sentença sem mais discussão, quando o nosso dever de gente livre seria questionar energicamente um destino despótico [...]. José Saramago *O homem duplicado* (2003).

José Saramago é um dos autores mais reverenciados da atualidade, bem como um dos que mais inovou com seu estilo peculiar de contar, em suas

¹ Trabalho apresentado na forma de comunicação no “Seminário de Verão 2010: Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea”, realizado pela Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, no dia 01 de dezembro de 2010.

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL – UFPE. Professor do Departamento de Letras da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE.

próprias palavras, “contos de contos contando contos”, somando às inúmeras versões das histórias universais sua versão única, inequívoca e heterodoxa. Isso porque os romances de Saramago carregam consigo a força da palavra narrada e da palavra que não se submete às vicissitudes e vícios do pensamento ingênuo: é um texto que, acima de tudo, nos leva a pensar e refletir criticamente sobre nossa condição enquanto humanos.

Caim (2009), seu penúltimo livro, não traz um tema inédito em sua obra. O Evangelho segundo Jesus Cristo já lhe valeu a polêmica entre o autor e a Igreja Católica, que o empurrou para o exílio em Lanzarote. No entanto, na sua visão sobre o Velho Testamento, Saramago nos apresenta um deus que “não é de se fiar”, pois “para enaltecer Abel, despreza Caim”, segundo disse o autor em reportagem à agência EFE, publicada no Estadão (2009).³

Paraíso genesiaco, Adão e Eva: Gênese da Aliança

“No princípio era o Verbo.” Assim se inicia a narrativa do evangelho de João, retomando poeticamente o tema da palavra de Deus e o da sabedoria existindo em Deus, por quem tudo foi criado: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn. 1,1). No livro do Gênesis, que junto aos demais livros do Pentateuco formam a Lei judaica da Torá, o narrador (ou narradores, como veremos um pouco mais adiante) busca explicar a origem do mundo, pórtico que precede a história da salvação que a Bíblia inteira vai narrar, relata o mito da criação do universo e do homem, a queda original e suas consequências, e a perversidade crescente punida com o Dilúvio.

Segundo os estudos críticos e introdutórios da Bíblia de Jerusalém, versão utilizada para os estudos teológicos, o Pentateuco não é uma obra que tenha saído toda da mão de um só autor, mas sim uma compilação de quatro documentos diferentes pela idade e pelo ambiente de origem, e posteriores, todos eles, a Moisés. Podem ser descritos, primeiramente, a partir de duas correntes narrativas: a Javista (J) e a Eloísta (E), depois organizadas ambas em um só documento (JE). O primeiro teria sido posto por escrito no século IX, enquanto o segundo, um pouco mais tarde. Os outros dois documentos ou códigos que integram o palimpsesto do Pentateuco são o Deuteronomio (D) e o Sacerdotal (P), este último continha, sobretudo, leis com algumas narrações.⁴

Segundo a Bíblia de Jerusalém (Cf. 1980, p.25-31), em sua Introdução ao Pentateuco, a tradição Javista tem um estilo vivo e colorido de narrar a criação do mundo, através de imagens que procuram dar resposta profunda aos

³ Sobre esta polêmica, em entrevista ao jornal O Estado de São Paulo (2009), Saramago diz que “Caim é um livro escrito contra toda e qualquer religião. Ao longo da história, todas as religiões, sem exceção, fizeram à humanidade mais mal que bem [...] o cérebro humano é um grande criador de absurdos e Deus é o maior deles”.

⁴ Esta teoria documentária clássica tem sido reposta em discussão, uma vez que alguns críticos descartam essa concepção evolucionária das idéias religiosas em Israel. Outros elementos que põem em cheque as “fontes” escritas do Pentateuco foram a descoberta das literaturas mortas do Oriente Médio e os progressos feitos pela arqueologia e pela história no conhecimento das civilizações vizinhas de Israel, a partir dos escritos encontrados nos rolos do Mar Morto.

graves problemas que se apresentam a todo homem, bem como as expressões para se falar de Deus encobrem um senso elevado do divino, aproximando criatura de seu Criador. A Eloísta, por sua vez, tem um estilo mais sóbrio e uniforme, uma moral mais exigente, um cuidado de respeitar a distância que separa o homem de Deus – “Eu Sou Aquele que é” (Ex. 3,14).

O Paraíso, ou o Jardim do Éden, nos trechos iniciais do Gênesis, desempenha uma função cosmológica, representando o princípio de ordem, de energia e de vida no começo da criação. A própria divisão septenária, número que representa o sagrado, o perfeito, é apresentada pelo narrador de forma admirável em um esquema mítico fixo: ordem de Deus, execução, efeito, nome dado à criatura, bondade/a noite e a manhã, este último funcionando como um estribilho, dias até o sétimo, como podemos ver no excerto a seguir:

³Deus disse: “Haja luz” e houve luz. ⁴Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. ⁵Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia (Gn. 1, 3-5)⁵.

A criação e a queda, título que abre os primeiros capítulos do Gênesis, procuram explicar as origens do mundo e da humanidade. Assim, realizam a afirmação triunfal de que o mundo é obra de Deus.

Caim e Abel: ruptura da aliança

Na Bíblia, pouco se fala sobre a história de Caim após o fratricídio. De acordo com o livro do Gênesis, Caim era agricultor e Abel pastor, filhos primogênito e segundo, respectivamente, de Adão e Eva. De acordo com Feuillet (2000, p.21), sobre a história de Caim e Abel, fica muito clara a tentativa de explicar o surgimento de duas condições de existência do homem primitivo:

Abel foi pastor de rebanhos, enquanto Caim cultivou o solo, indicações que correspondem a duas civilizações muito distintas; correspondem em primeiro lugar às condições de existência que foram as do povo eleito: uma pastoril e nômade, outra agrícola e sedentária.

Ainda seguindo a narrativa bíblica, ambos tementes a Deus, ofertaram seus produtos ao Senhor, mas as primícias e a gordura do rebanho de Abel foram preferidas. Caim, com inveja e ciúmes, por ter suas ofertas preteridas, leva o irmão para o campo e o mata, supostamente com uma queixada de burro⁵.

⁵ Sobre esta passagem, a Bíblia de Jerusalém (1980:36) aponta que é o tema do mais novo preferido ao mais velho, pelo qual se manifesta a livre escolha de Deus, seu desprezo pelas grandezas terrenas e sua predileção pelos humildes.

Não há uma só explicação lógica porque Deus aceitou a oferenda de Abel e não a de Caim – ou quem sabe a de ambos. Frye e Macpherson (2004, p.62, tradução nossa), no entanto, nos dão uma indicação para um dos motivos possíveis da preferência por Deus pela oferenda de Abel.

Abel foi morto por Caim. Ele era um pastor e sua oferenda, como sabemos, foi aceita por Deus; por outro lado, Caim era um fazendeiro e sua oferenda da colheita não foi aceita. Não nos é dito por que acontece assim, mas isto estabelece um padrão litúrgico posterior. O primeiro sacrifício é o do cordeiro [...]”. A história indica que para Israel o sacrifício do cordeiro serve para substituir o sacrifício de um filho ou de um ser humano. Isto é confirmado mais tarde na história da Páscoa, que é o primeiro ritual na liturgia judaica. A oferenda da Páscoa é feita com sangue, razão fundamental, ao menos se há uma razão, pela qual o sacrifício de Abel é aceito e o de Caim, não.⁶

O tema da briga entre irmãos é frequente na literatura universal, bem como na própria Bíblia. Também é comum aos narradores tomarem sempre o partido do irmão mais jovem (Abel, Isaac, Jacó, José, etc.). No entanto, salientemos que Deus não intervém na narrativa em análise como juiz, mas sim como vingador do sangue de Abel, seu preferido. Sua vingança é mais branda do que a dos homens: Caim será expulso da sociedade, banido para vagar a esmo pela terra, e esta não lhe dará frutos nem mesmo com o suor do trabalho. Ciente de que sua culpa é demasiado grande para ser perdoada, e o castigo que merece demasiado pesado para suportar, Caim se transforma, assim, em modelo, para a época, de todos aqueles que, por terem matado um homem seu irmão, têm de viver à margem da sociedade (Cf. ARANA, 2003, p. 84-85).

Seguindo as pistas da narrativa bíblica, após sua saída para a terra de Nod – “errante” no hebraico – a narrativa bíblica da vida de Caim passa para uma genealogia de tradição javista (J): “Caim conheceu sua mulher, que concebeu e deu à luz Henoc. Tornou-se um construtor de cidade e deu à cidade o nome de seu filho, Henoc.” (Gn. 4, 17). Nesse sentido, pode-se dizer que a condenação à vida urbana de Caim, outro e não mais representado pelo filho de Adão – a não ser por uma mera ligação artificial das narrativas –, construtor da primeira cidade, o pai dos pastores, dos músicos, dos ferreiros e das meretrizes, que provêm às comodidades e aos prazeres da vida urbana, mesma condenação encontrada na narrativa javista sobre episódios urbanos, pois a cidade será o lugar da corrupção da alma pelos prazeres do corpo.

⁶“Abel was murdered by Cain. He was a shepherd and his offering, we are told, was accepted by God; whereas Cain was a farmer, and his offering of the firstfruits of the crops was not accepted. We are not really told why this is so, but it establishes the types of a later liturgical pattern. The primary sacrifice is the sacrifice of the Lamb [...]”. That story indicates that for Israel the sacrifice of a lamb is to replace the sacrifice of a son or of a human being. And that is confirmed later on by the story of the Passover, which is the primary rite in the Jewish liturgy. The Passover offering is the offering with blood, which is the fundamental reason, at least insofar as there is a reason, why Abel's sacrifice is acceptable and Cain's is not.

Apostasias genesíacas saramaguianas em Caim

Em seu penúltimo livro, publicado em 2009, Saramago volta-se mais uma vez ao tema religioso. Caim, por assim dizer, faz uma viagem ao Pentateuco para (re)contar, desde o Gênesis, os passos deste que foi o primeiro assassino da história judaico-cristã.

É necessário reiterar sobre a escrita de Saramago que, se mantendo fiel e coerente com a tradição do romance comprometido e com um ousado estilo temático-formal que consagrou o autor, o narrador no universo ficcional saramaguiano “sempre irônico, distanciado, mais do que contar, comenta os fatos, explorando-lhes as nuances e desvendando-lhes o sentido oculto” (GOMES, 1993, p.42), o que afasta o narrador/leitor de qualquer visão tradicional ou dogmática. O narrador assim se transforma em uma figura capaz de não só observar os acontecimentos, mas também de relatar, descrever, argumentar, criticar, e, ainda por cima, interpelar o leitor no sentido deste tornar-se cúmplice de suas próprias premissas. Assim, vale ressaltar que a perspectiva adotada pelo autor no processo de construção de seus romances rompe com linearidade e padronização da escrita real-naturalista do século XIX e que muito influenciou a forma do romance até a geração neorrealista portuguesa.

O romance é narrado em terceira pessoa por um personagem que não só narra uma história, mas tem a consciência ficcional dos caminhos que utiliza e criticamente os comenta e analisa. Por diversos momentos vemos o distanciamento crítico em relação aos fatos narrados e, com isso, o uso rico e exemplar da ironia e da ambiguidade tão presentes nos textos de Saramago, frutos do encadeamento e desenrolar que o narrador dá aos fatos.

É o que podemos ver a partir dos comentários do narrador, tão peculiar nos romances de Saramago:

Dos escritos em que, ao longo dos tempos, vieram sendo consignados um pouco ao acaso os acontecimentos destas remotas épocas, quer de possível certificação canônica futura ou fruto de imaginações apócrifas e irremediavelmente heréticas, não se aclara a dúvida sobre que língua terá sido aquela (SARAMAGO, 2009, p.9-10)

O narrador funciona, dessa maneira, como um questionador das verdades unívocas e inquestionáveis da história e da fé, através de um estilo próprio e linguagem envolvente, jogo com a ironia e a paródia, colocando em xeque as verdades e invertendo o papel das personagens, incluindo o leitor em seus comentários e reflexões, obrigando-o a uma leitura criticamente e

criativamente ativa. Podemos perceber claramente quando no excerto abaixo o leitor é chamado, a partir de uma interrupção na narrativa, uma espécie de anacoluto, para uma observação crítica quanto à escritura da narrativa e a verossimilhança entre o diálogo de um velho aldeão e Caim, agora passado para o português corrente.

[...] atendamos à pertinentíssima observação de alguns leitores vigilantes, dos sempre atentos, que consideram que o diálogo que acabámos de registrar como acontecido não seria historicamente nem culturalmente possível, que um lavrador de poucas e já nenhuma terras, e um velho de quem não se conhecem ofício nem benefício, nunca poderiam pensar e falar assim. Têm razão esses leitores, porém, a questão não estará tanto em dispor ou não dispor de ideias e vocabulário suficiente para as expressar, mas sim na nossa própria capacidade de admitir, que mais não seja por simples empatia humana e generosidade intelectual, que um camponês das primeiras eras do mundo e um velho com duas ovelhas atadas a um baraço, apenas com o seu limitado saber e uma linguagem que ainda estaria a dar os primeiros passos, fossem impelidos pela necessidade a provar maneiras de expressar premonições e intuições aparentemente fora do seu alcance. Que eles não disseram aquelas palavras, é mais do que óbvio, mas as dúvidas, as suspeitas, as perplexidades, os avanços e recuos da argumentação, estiveram lá. O que fizemos foi simplesmente passar ao português corrente o duplo e para nós irresolúvel mistério da linguagem e do pensamento daquele tempo. Se o resultado é coerente agora, também o seria na altura porque, ao final, almocreves somos e pela estrada andamos. Todos, tanto os sábios como os ignorantes (2009, p. 46-47).

Assim, o narrador faz o percurso crítico (e irônico) de, após a narração do diálogo entre Caim e o velho, constatar, junto aos “leitores vigilantes”, a estranheza de um diálogo tão elaborado para dois personagens de pouca instrução. O que podemos perceber é que através dessa linguagem se cruzam os gestos de imitação da oralidade e das vozes populares que são uma forma de apropriação autoconstrutiva, um operador de historicização transtemporal na e pela construção de uma identidade dialógica, social e historicamente heterogênea (Cf. GUSMÃO, 1998, p. 13-15); mas, ao mesmo tempo, uma distância crítica, uma paródia⁷ que nos permite relacionar passado e presente, semelhanças e diferenças, numa perspectiva de desconstrução/inversão/carnavalização a partir do próprio discurso, sem recuperá-lo totalmente.

Pela palavra narrada, já que no princípio era o Verbo, Caim se

⁷ Sobre o conceito de paródia nas narrativas de metaficção historiográfica, típicas das tendências pós-modernas, ver o livro *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção* (1991), de Linda Hutcheon.

transforma na figura de resistência. Protagonista da história, se revolta contra Deus e, por isso, mata o irmão. Invertendo-se os papéis, Caim é o (anti)herói, enquanto Deus se transforma na figura temida e violenta do Antigo Testamento que, não só expulsa sua “experiência” do Paraíso, como também, sem qualquer motivo aparente, pretere a oferta de Caim e, covardemente, não impede o assassinato de Abel, seu predileto. Sobre essa divina figura temida, podemos ver no excerto abaixo:

Anunciado por um estrondo de trovão, o senhor fez-se presente. Vinha trajado de maneira diferente da habitual, segundo aquilo que seria, talvez, a nova moda imperial do céu, com uma coroa tripla na cabeça e empunhando o ceptro como um cacete. Eu sou o senhor, gritou, eu sou aquele que é. O jardim do éden caiu em silêncio mortal, não se ouvia nem o zumbido de uma vespa, nem o ladrar de um cão, nem um pio de ave, nem um bramido de elefante. Apenas uma bandada de estorninhos que se havia acomodado numa oliveira frondosa que vinha dos tempos da fundação do jardim levantou voo num só impulso, e eram centenas, para não dizer milhares, que quase obscureceram o céu (2009, p.16)

Ou quando a potestade de Deus é contestada por diversas passagens, como por exemplo, o atraso do anjo quando da provação de fé de Abraão:

Foi nesse exacto momento, isto é, atrasada em relação aos acontecimentos, que a voz do senhor soou, e não só soou ela como apareceu ele. Tanto tempo sem dar notícias, e agora aqui estava, vestido como quando expulsou do jardim do éden os infelizes pais destes dois. Tem na cabeça a coroa tripla, a mão direita empunha o ceptro, um balandrau de rico tecido cobre-o da cabeça aos pés (2009, p.34).

A chegada e a presença temerosa de Deus impõem ao homem o seu devido lugar, lugar de medo, pequenez e de submissão. Assim, podemos ver que o Paraíso construído pelo narrador torna-se um topos elemento dessacralizado e Deus uma figura irônica, mesquinha, cruel e vingativa com sua própria criação.

Das passagens do romance, talvez as que mais chamem a atenção são aquelas em que o protagonista está em constante conflito com seu criador. Caim não se coloca sob o julgo submisso de Deus e questiona seus inescrutáveis desígnios acusando-o de assassino, dividindo a culpa e a responsabilidade pela morte de Abel.

Quis pôr-te à prova, E tu quem és para pores à prova o que tu mesmo criaste, Sou o dono soberano de todas as coisas, E de todos os seres, dirás, mas não de mim nem da minha liberdade, Liberdade para matar, Como tu foste livre para deixar que eu matasse a abel quando estava na tua mão evitado, bastaria que por um momento abandonasses a soberba da infalibilidade que partilhas com todos os outros deuses, bastaria que por um momento fosses realmente misericordioso, que aceitasses a minha oferenda com humildade, só porque não deverias atrever-te a recusá-la, os deuses, e tu como todos os outros, têm deveres para com aqueles a quem dizem ter criado, Esse discurso é sedicioso, É possível que o seja, mas garanto-te que, se eu fosse deus, todos os dias diria Abençoados sejam os que escolheram a sedição porque deles será o reino da terra, Sacrilégio, Será, mas em todo o caso nunca maior que o teu, que permitiste que abel morresse, Tu é que o mataste, Sim, é verdade, eu fui o braço executor, mas a sentença foi ditada por ti, O sangue que aí está não o fiz verter eu, caim podia ter escolhido entre o mal e o bem, se escolheu o mal pagará por isso, Tão ladrão é o que vai à vinha como aquele que fica a vigiar o guarda, disse caim, E esse sangue reclama vingança, insistiu deus, Se é assim, vingar-te-ás ao mesmo tempo de uma morte real e de outra que não chegou a haver, Explica-te, Não gostarás do que vais ouvir, Que isso não te importe, fala, É simples, matei abel porque não podia matar-te a ti, pela intenção estás morto, Compreendo o que queres dizer, mas a morte está vedada aos deuses, Sim, embora devessem carregar com todos os crimes cometidos em seu nome ou por sua causa, Deus está inocente, tudo seria igual se não existisse [...] (SARAMAGO, 2009, p.34-35).

Nesta passagem, é possível percebermos, além da inversão do diálogo entre Deus e Caim (Gn. 4), o questionamento de Caim frente ao jogo de Deus em sua soberba, tal qual todos os outros deuses, caprichoso, intolerante, déspota e cruel, como qualquer um que leia qualquer texto por entre os véus de uma crença cega e dogmática, isto é, sem o olhar crítico do qual não descuida o bom e atento leitor. A partir destes aspectos, a figura de Deus é humanizada no sentido de que compartilha da culpa pela morte de Abel e é combatido com a insolência da inteligência viva de Caim, figura que representa a liberdade do homem frente a qualquer entidade poderosa e àqueles que cumprem sua vontade sem questionarem as razões, por mais absurdas, apenas para lhe agradarem na esperança de um retorno que, muitas vezes, não existe. Assim, Caim, num desafio a seu próprio Criador (e destruidor), “mata” o projeto de uma nova aliança de Deus com seu povo eleito.

Como te atreveste, assassino, a contrariar o meu projecto, é assim que me agradeces ter-te poupado a vida quando mataste abel, perguntou o senhor, Teria de chegar o dia em que alguém te

colocaria perante a tua verdadeira face, Então a nova humanidade que eu tinha anunciado, Houve uma, não haverá outra e ninguém dará pela falta, Caim és, e malvado, infame matador do teu próprio irmão, Não tão malvado e infame como tu, lembra-te das crianças de sodoma. Houve um grande silêncio. Depois caim disse, Agora já podes matar-me, Não posso, palavra de deus não volta atrás, morrerás da tua natural morte na terra abandonada e as aves de rapina virão devorar-te a carne, Sim, depois de tu primeiro me haveres devorado o espírito. A resposta de deus não chegou a ser ouvida, também a fala seguinte de caim se perdeu, o mais natural é que tenham argumentado um contra o outro uma vez e muitas, a única coisa que se sabe de ciência certa é que continuaram a discutir e que a discutir estão ainda. A história acabou, não haverá nada mais que contar (SARAMAGO, 2009, p.172).

Aqui, por mais uma vez, Deus e Caim são colocados em equidade: Caim, por não poder matar o criador, mata sua(s) criatura(s) e o projeto divino de recomeço da humanidade, de uma nova aliança. A Caim é reservada a morte da carne e, por revolta por ter sobrevivido a todos os infortúnios que presenciou, a morte do espírito. O narrador dá um tom escatológico ao texto, deixando claro e “de ciência certa” que a querela entre Criador e criatura continua. “Ao matar Abel por não poder matar o senhor, Caim deu já a sua resposta. Não se augure nada bom da vida futura deste homem” (SARAMAGO, 2009, p.37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caim não só retoma o tema religioso na obra de Saramago como também seu estilo, tão característico desde seu romance do fim do neorealismo, marcado pela ruptura com a norma e sintaxe da língua, abolindo o uso da pontuação e das marcações do discurso. Sua narrativa de despretençiosa fluência coloquial crítica, até mesmo barroquizante, combina-se com perfeição com o discurso argumentativo e reflexivo, por diversas vezes, interpelando o leitor, ou melhor, o narratário, instância do tu-enunciativo com quem o narrador dialoga. Este recurso cria um ambiente de cumplicidade entre narrador, com suas ironias sutis, mordazes e por vezes gratuitamente violentas, e narratário/leitor. Nesta ficção literária, os diversos episódios bíblicos são narrados a partir de uma (re)leitura muito peculiar e demasiadamente crítica – quanto às seriedades do humor na literatura, podemos nos remeter ao que disse o dramaturgo romano Plauto: “Ridento catigat moris”.

Por fim, apesar de não mostrar nada de novo no estilo do autor, Caim é

um exercício de liberdade, de libertação, e revela o engajamento do escritor em reescrever uma história que já bem conhecemos do princípio ao fim, e que na surpreendente luta, re-escrita, entre criador e criatura, fazer-se, nas palavras do também português José Régio, ir “por onde me levam meus próprios passos...”. As apostasias do paraíso em Caim convidam não ao abandono da fé no homem e no que ainda há de humano nele – e, talvez por isso mesmo, divino –, mas sim no dogmatismo cego das religiões e nas enxurradas de absurdos – também conhecidos como “verdades sagradas e inquestionáveis” –, que estas são capazes de inventar.

REFERÊNCIAS

ABÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.

ARANA, Andrés Ibáñez. **Para compreender o livro do Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BORGES, Anselmo. Teólogo acusa Saramago de fazer leitura “completamente unilateral” da Bíblia. IONLINE, Lisboa, 19 out. 2009. Disponível em: <<http://www.ionline.pt/conteudo/28591-teologo-acusa-saramago-fazer-leitura-completamente-unilateral-da-biblia>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

BRASIL, Ubiratan. Deus não existe fora da cabeça das pessoas: Saramago faz esta afirmação ao “Estado” e ainda critica o papa e Berlusconi. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 17 out. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,deus-nao-existe-foa-da-cabeca-das-pessoas,452076,0.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

SARAMAGO redime Caim em seu novo romance. **Estadão**. São Paulo, 27 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,saramago-redime-caim-em-seu-novo-romance,425649,0.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

FEUILLET, André. **História da salvação da humanidade segundo os primeiros capítulos do Gênesis**. São Paulo: Loyola, 2000.

FRYE, Northrop; MACPHERSON, Jay. **Biblical and classical myths: the mythological framework of western culture**. Toronto: University of Toronto, 2004.

GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante: ensaio sobre o romance português contemporâneo**. São Paulo: Edusp, 1993. (Criação & Crítica, 14).

GUSMÃO, Manuel. Linguagem e história segundo José Saramago. In.: **Vida Mundial**, Lisboa, n.10, p. 12-15, nov. 1998.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARTORELL, Julián Ruiz. **Adão e Eva: o drama do ser humano**. In.: ARAGÜÉS, J. Alegre

et al. **Personagens do antigo testamento**. São Paulo: Loyola, 2002. v.1

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 31.ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

ROANI, Gerson Luiz. Espaços que a história tece na ficção de Saramago. In.: **Revista Letras** – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - RS, n.27, p. 99-110, jul./dez. 2003. Disponível em <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_10.pdf>. Acesso em 23 nov. 2010.

SARAMAGO, José. **Caim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários. Canoas: Ulbra, 2006

TERRA, João Evangelista Martins (Coord.). **Introdução ao pentateuco**. São Paulo: Loyola, s/d.



Recebido em: 28/01/2011

Aprovado em: 17/04/2011

Para referenciar este texto:

PEREIRA, Kleyton Ricardo. Apostasias do paraíso em Caim, de Saramago. **Lumen**, Recife, v.20, n.1, p. 21-31, jan/jun. 2011